

# Prazeres proibidos

João, 55 anos, português, gestor-hospitalar. É uma paixão: a música e a sua reprodução electrónica. A alta fidelidade é o seu tema favorito de conversa. Mas prefeere manter-se nos bastidores: «O mistério é o fermento das paixões». As luzes da ribalta incidem pois apenas hoje sobre as vedetas desta história: as Avalon Osiris.

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

Assume sem preconceitos a sua condição de audiófilo inveterado: «Fui a primeira pessoa a ouvir umas colunas Apogee de fita-de-alumínio. Na própria fábrica, nos E.U.A. quando tudo não passava de um projecto louco. Aquilo parecia a garagem do Prof. Pardal. Fiquei lá três dias acamado à espera que as conseguissem pôr a funcionar», recorda entre gargalhadas. «Os primeiros amplificadores Krell entraram em Portugal pela minha mão. Numa altura em que os «tios audiófilos nacionais» se babavam ao ouvir os Quads na Valentim de Carvalho, já eu tinha umas colunas Étude e um amplificador Threshold. Hoje, passados os anos do deslumbramento, estou mais inclinado para a doçura das válvulas. Mas o canto das sereias transistorizadas ainda me tenta, por vezes...»

Despido o blazer e a gravata de executivo, recebeu-me em calções e descalço, excitado com a ideia de uma tarde de Verão bem passada «a afinar o sistema» e a ouvir música. Postos de lado os complexos dossiers da gestão hospitalar, lê sobretudo revistas de hifi. «Compro também o DN aos Sábados de propósito para ler a sua secção...», confessa com simpatia.

João tornou-se audiófilo quando descobriu que os sistemas de alta fidelidade vulgares deixam apenas adivinhar parte do que está nos discos.

«No dia em que temos pela primeira vez a percepção acústica do Todo, o nosso espírito ilumina-se», afirma sem rodeios. «A partir desse ponto de não-retorno, a música «sem alma» é apenas uma experiência sensorial. Deixa de ser uma



As Avalon Osiris transformaram a sala de estar do meu anfitrião numa sala de concertos

experiência emocional», diz com a convicção de um crente.

A «alma» de que nos fala João é, diz-me a experiência, extremamente volátil. Pode gastar-se uma fortuna em equipamento de alta fidelidade sem que o fenómeno da «materialização» se manifeste. Alguns especialistas atribuem o facto à ausência de sinergia entre os diferentes componentes do sistema. Mas o justo equilíbrio tem também uma carga subjectiva: ser audiófilo tanto pode ser um dom, como uma obsessão doentia, tanto mais diabólica quanto não parece levar a lado nenhum.

Sísifo, rei de Corinto, foi condenado pelos deuses a ter de empurrar eternamente para o cimo de uma montanha uma rocha, que voltava de cada vez a rolar até ao fundo da encosta. Os audiófilos estão condenados a carregar rochas (literalmente: alguns amplificadores high-end e colunas de som pesam «toneladas») para terem de começar tudo de novo quan-

do pensavam que tinham chegado ao topo da escala do som.

Aproveitando a ausência da esposa e da filha em Nova Iorque, João cedeu à tentação (a única forma de vencer a tentação é ceder, escreveu Oscar Wilde), e «flartou» (um curioso neologismo criado por Garrett a propósito de um namoro com umas meninas inglesas) durante duas semanas de férias solitárias com as belas colunas de som americanas Avalon Osiris.

«Desde a apresentação das Osiris, no hotel Penta, o ano passado, que desejava este momento. Mas o preço era proibitivo...» e esfregou o dedo indicador e o polegar com um encolher de ombros.

Agora que a ocasião de as ouvir no remanso do lar sem compromisso se proporcionou não resistiu. Mas o prazer da audição de uma tal maravilha é amplificado se for partilhado com os amigos. É nessa condição que eu entro nesta história.

De facto, as Osiris, o modelo de topo da escuderia Avalon, votadas como «Melhor Som» do AudioShow96, são demasiado grandes, demasiado pesadas, demasiado caras, demasiado tudo, mesmo para quem nos últimos anos tem investido verbas avultadas na busca do Graal Sónico em detrimento de outras prioridades burguesas «politicamente correctas» como a vivenda com churrasco e piscina com vista para o mar. Mas as paixões são assim mesmo: irracionais. Até o coração de um gestor habituado a racionalizar, a ponderar todos os actos de gestão, parece ter outras razões além da razão...

António Almeida, da Ajasom, importador e distribuidor em Portugal da Avalon, representou nesta peça a tentação: ajudou-o «desinteressadamente» a carregar as Osiris pela penosa encosta do bloco de apartamentos onde vive algures em Lisboa. Sempre são quinhentos quilos cada! Felizmente, os Sísifos urbanos dispõem hoje de elevador...

1 + 1 = 3

Pague 2 leve 3  
Compre 2 cds por 2650\$00 cada  
leve 1cd grátis

VALENTIM DE CARVALHO  
Para quem ama a música



Foi pois com alívio que verifiquei que as imponentes Osiris dominavam já a sala de estar quando eu entrei (perdi há muito o complexo de Sísifo algures entre duas vértebras doridas).

Estavam lindas as Osiris, no seu elegante vestido de raiz-de-nogueira castanho acetinado, reflectindo discretamente os vibrantes raios de sol, quentes e húmidos, que prenunciavam para breve a trovada anunciada nas notícias da tarde. A «Tempestade de Verão», das «Quatro Estações» de Vivaldi, viria aqui bem a propósito.

Como acólitos nesta orgia audiófila, amplificadores Conrad-Johnson: Premier Fourteen/Twelve, municiados de válvulas Svetlana: «Muito superiores às Sovtek e às RCA», concluiu o meu anfitrião após várias experiências. Com os cabos passou-se o mesmo: optou pelos Cardas: «Depois de várias experiências, concluí também que os Cardas Golden Cross eram o melhor compromisso neste contexto. Mas ainda gostava de ouvir os Siltech de prata...»

De prata são também os cabos Kimber que serviam de cordão umbilical às partes pudibundas das Osiris, leia-se, os graves. «Nisto de cabos, cada cor seu paladar...», admitiu com a consciência da relatividade das coisas.

A útil estante de livros, discos, bibelots e recordações avulsas na parede de fundo aliou-se com eficácia aos tapetes finos que decoram o soalho de madeira de carvalho, aos sofás e aos quadros, na ingrata tarefa de controlar os reflexos primários e as ondas estacionárias nos cantos da sala assim transformada no palco privilegiado deste concerto único e muito especial.

«Nunca devia ter-me metido nisto», confessou, com o ar arrependido e cândido da criança altruísta que, tendo posto finalmente a mão no frasco dos rebuçados, se lembrou dos amigos: «Tenho as Osiris aqui em casa, passe por cá um dia destes para as ouvir...», rezava a mensagem no meu telemóvel.

Para citar de novo Oscar Wilde, há duas grandes tragédias na vida: uma é querer uma coisa e não a poder possuir (como é o caso: as Osiris custam a módica quantia de 13.500 contos o par!); a outra é possuí-la. Isto, porque tal como Wilde, João tem gostos muito simples: só o melhor o satisfaz... ■



**Avalon Osiris: 500 quilos cada, 13.500 contos o par, uma top-model, inspirada na cultura do Antigo Egipto, digna de figurar num Museu de Arte (Audiófila) Moderna**

# O último tango

Embora o convite tivesse sido ditado pela amizade e pelo prazer mútuo da companhia de duas pessoas que falam a mesma linguagem audiófila (impenetrável para os leigos), João queria saber a minha opinião sobre uma eventual, ainda que pouco provável, compra das Osiris; umas colunas de som que, pelo preço, deviam proporcionar ao seu possuidor ouvir a «voz de Deus», passe a blasfémia, ou pelo menos dos deuses da mitologia egípcia.

Tendo recebido o nome do deus dos Mortos, as Osiris lembram de facto o sarcófago de uma múmia egípcia (e pesam como tal: 500 quilos cada, ligaduras incluídas!). Mas a tecnologia utilizada nos filtros e nos altifalantes é revolucionária, radical e ao nível do «estado-da-arte» actual. O silêncio entre-notas é, em conformidade, sepulcral. Igualmente misteriosos são os enormes caixões-negros que servem de túmulo aos filtros divisores colo-

cados atrás das colunas e reduzem drasticamente o factor-de-aceitação-doméstica das Osiris: só a sensualidade da mulher brasileira descrita por Jorge Amado resistiria a uma «bunda» destas. Consciente do facto, o designer Neil Patel submeteu a nova versão a uma «bundotomia»: as caixas externas dos novos filtros foram assim reduzidas no tamanho que não na função.

Assisti à estreia mundial, em Junho de 1996, no hotel Waldorf-Astoria de Nova Iorque, e escrevi a propósito: «Será difícil afirmar-se que se tratava do melhor som no Waldorf-Astoria, mas a profundidade do palco sonoro e a pureza, claridade e focagem da gama-média eram assombrosas. A dinâmica resultante do reduzidíssimo ruído mecânico de funcionamento, a coerência temporal e a velocidade de resposta a transitórios deixou leigos e especialistas boquiabertos».

Mantenho o que disse, ainda que o comportamento acústico das Osiris seja como sempre determinado por factores externos: os meios electrónicos e a sala. Neste caso, os amplificadores a válvulas C-J Premier Twelve não demonstraram possuir suficiente «andamento» dinâmico para as Osiris (talvez os Premier Eight ou algo de mais «substancial» alicerçado em transístores) ainda que tenha ficado surpreendido pela compostura tonal, honestidade tímbrica, qualidades dimensionais da imagem estereofónica e graciosidade nas (poucas) situações de «clipping» dos Premier Twelve.

Tendo-lhes servido a minha habitual dieta de excertos de sinais de teste e música registada num CD-R exclusivo reproduzido por um duo composto por Theta Data II/Generation V A, verifiquei com surpresa que faltava algum impacto aos timbales e outros sons de percussão devi-

do a uma recessão na gama média-baixa de frequências que afectava também as vozes masculinas. Já os agudos e tudo o que se situava nas zonas altas do espectro soavam sublimes; o grave, inesperadamente coeso (fora o calcanhar de Aquiles das Osiris no AudioShow96), soava claro e bem entrosado, ainda que sem a extensão exigida pelo porte das colunas.

Seguindo as minhas indicações, o meu anfitrião fê-las deslizar sobre patins de metal no chão de madeira numa volúpia de curtos passos de tango: «O tango traz-me sempre à memória os bons momentos musicais passados em Buenos Aires». Dez centímetros para trás, dois centímetros para dentro, e tudo se recompôs: a música ganhou a forma e o conteúdo a que estou habituado mantendo o correcto relacionamento harmónico e espacial de vozes e instrumentos.

Não terei ouvido ainda desta vez a voz de Deus. As Osiris precisam de um amplificador que «as leve ao Céu». Talvez o conjunto ART/ Premier Eight. Porque, hé-las, continuam a ser precisos dois para o tango... ■